

A autoralidade ambiciosa de Giulia Be



Visando o mercado global, cantora e compositora lança álbum de 21 faixas dividido em 3 EPs, cada um gravado num idioma diferente

AFFONSO NUNES

A cantora Giulia Be completa um ciclo ambicioso de sua carreira com o lançamento de seu álbum homônimo trilingue — 21 faixas em português, espanhol e inglês, todas compostas por ela. O projeto, bancado pela Sony Music em um contrato global inédito para uma artista brasileira de sua geração, chega como a aposta mais ousada de sua carreira até aqui.



Giulia Be compôs e gravou faixas em português, espanhol e inglês em seu novo álbum

A abertura fica por conta do EP em inglês, com sete faixas inéditas, e do clipe de “911”, balada com piano

que usa a metáfora de uma chamada de emergência para traduzir os efeitos psicológicos e físicos de uma

ruptura amorosa. O registro chega após a passagem de Giulia Be pelo Grammy Museum, em Los Ange-

les, onde se apresentou pela primeira vez na cidade dentro da série The Drop — programa que já recebeu nomes como Olivia Rodrigo, Sabrina Carpenter e Chance the Rapper. Antes disso, a artista passou com seu showcase por Miami, Cidade do México, Lisboa, São Paulo e Madri.

O disco, conta ela, nasce de um mergulho íntimo. Giulia se vê como poeta e contadora de histórias — alguém que transforma vivências, afetos e lembranças em música. As composições tornam-se um retrato de como a artista enxerga o mundo e sente o amor. Algumas faixas foram compostas há nove anos; outras, nos últimos cinco meses.

“Sinto que cada idioma traz uma versão diferente de mim. Esse álbum foi uma forma de todas essas versões existirem juntas e conversarem entre si”, explica.

Cada idioma revela uma faceta distinta de sua identidade, relações e amadurecimento pessoal. A obra transita por ritmos latinos, pop disco e baladas intimistas, sempre a partir de composições assinadas pela própria artista. Por trás do som, um time de produtores de alcance global: Fred Ball (Rihanna, Beyoncé, Madonna, Eminem), M-Phazes (vencedor do Grammy, créditos com Eminem e Madonna), Leroy Clampitt (indicado ao Grammy, produções para Sabrina Carpenter, Justin Bieber e Dua Lipa), Caleb Calloway (mais de 22 bilhões de streams, créditos com Bad Bunny e Rauw Alejandro) e Paul Ralphes, referência do pop brasileiro.

O projeto multilíngue sinaliza que a jovem artista quer ocupar um espaço que, até aqui, poucos nomes do país conseguiram preencher no mercado global. O tempo dirá se a aposta dará certo, mas Giulia deu seu recado.

CRÍTICA DISCO | MAURÍCIO EINHORN - ME

AQUILES RIQUE REIS*

Hoje tratarei de um trabalho extraordinário, o LP “Maurício Einhorn – ME”. Ao dizer que é extraordinário, tenho dois bons motivos. Primeiro, porque é um álbum de Maurício Einhorn, um dos maiores músicos brasileiros em seu instrumento, a harmônica, mais conhecida como gaita ou realejo. Como ele, apenas Rildo Hora. Segundo, porque é um álbum de 1979, o que difere das pautas desta coluna, que costuma trazer CDs recém-lançados.

Sou admirador do Einhorn desde meu tempo de juventude em Niterói, quando me acostumei a ouvi-lo. Plena de sofisticação e brasilidade, a sonoridade de sua harmônica me tomou. Autor de alguns clássicos, o gaitista carioca construiu momentos de rara criatividade ao lado de nomes como Tom Jobim, João Donato, Paulo

Moura, Eumir Deodato e Baden Powell, dentre outros.

Mais do que um virtuoso, Einhorn se tornou espelho para os que assimilaram e os que ainda assimilam o seu pioneirismo na gaita brasileira. Com ela, o samba, o jazz, o choro, a bossa nova e o samba jazz alcançaram contemporaneidade eterna. Desde suas melodias, passando pelos improvisos, sua criatividade soa libertária — e sua música se faz perene em vida! O link para escutar o long-play de EM, bem como a sua ficha técnica, estão no final deste texto.

Saca só o repertório: “Batida Diferente” (Maurício Einhorn e Durval Ferreira); “Sarro” (Maurício Einhorn e Arnaldo Costa);



“Alvorada” (Maurício Einhorn, Arnaldo Costa e Lula Freire); “Estamos Ai” (Maurício Einhorn, Durval Ferreira e Regina Werneck); “Brinquedo” (Maurício Einhorn e José Schettini); “Limbo” — Tema para Ron Carter e Jim Hall” (Maurício Einhorn e Arnaldo Costa); “Claus” (Maurício Einhorn e Celso Loch); “Tristeza

de Nós Dois” (Maurício Einhorn, Durval Ferreira e Bebeto Castilho); “Sketch” (Maurício Einhorn e José Schettini) e “Jóia (Joy)” (Maurício Einhorn e Alberto Arantes). Destaque: dentre os instrumentistas presentes está um grande pianista: Nelson Ayres!

Mas o que também me levou a escrever sobre Maurício Einhorn foi o fato dele estar festejando 80 anos de carreira e 94 anos de vida... e que vida! Meu Deus!

E para festejar ele subiu ao palco do Dolores Club, na Lapa carioca, com Marcos Nimrichter (piano), Bruno Aguilar (baixo) e Xande Figueiredo (bateria), mais a participação especial do saxofonista francês Idriss Boudriou, que

estrelaram o show “Maurício Einhorn 94 Anos – Mestre da Harmônica”.

Com brilho nos olhos, fecho a coluna em homenagem ao mestre Maurício Einhorn, um brasileiro que glorifica a nossa música e os instrumentistas brasileiros. Ouça o álbum em <https://acesse.one/lox2m0i>.

Ficha técnica

Maurício Einhorn (harmônica), Nelson Ayres (piano), Roberto Sion (flautas e saxes), Luizão (baixo), Markú (bateria, percussão e vocais), Robertinho Braga (bateria nas faixas 6 e 9); Gege (bateria na faixa 7); Sebastião Tapajós (guitarra). Gravação: Estúdio Havaí, Rio de Janeiro, junho de 1979.

*Vocalista do MPB4 e escritor